

UM REGISTRO HISTÓRICO E SOCIAL GRAVADO EM XILOGRAVURAS: GRUPO DE BAGÉ E CLUBE DA GRAVURA DE PORTO ALEGRE

AN HISTORICAL AND SOCIAL RECORD ENGRAVING IN WOODCUTS: BAGÉ GROUP AND PORTO ALEGRE PICTURE CLUB

Norberto Stori¹, Petra Sanchez Sanchez²

Abstract — *The woodcuts created by the “gaucho” artists of the Bagé Group and Engraving Club in the 1950 decade, are an historical and social record of rural workers, slaughters and miners of a given region State of Rio Grande do Sul. These are works with truly expressive works and not mere illustrations of the day to day life. These woodcuts developed, in wire woods, clean, strong and synthetic cuts were prepared with fluctuations of light and shadow. The process of the woodcut, through the multiplication of images increases according to their deployment, since it allows familiarity possibilities without, social and cultural barriers, with images and concepts which transmute a reality. The woodcut as an artistic language and due to its reproduction capacity, carries in itself a democratic attitude in the spreading of ideas and images of a given political, economic, social and cultural moment, whether regional, national and international.*

Index Terms – Woodcuts, Engraving Club, Historical Record, Xarqueada, Miners.

INTRODUÇÃO

A gravura artística no Brasil, reconhecida nacionalmente e internacionalmente, começou a ganhar espaço e reconhecimento público na década de 1950, com a participação em grandes eventos de arte. O Centro irradiador e gerador de gravuras foi a cidade do Rio de Janeiro, com os artistas gravadores e precursores: Oswaldo Goeldi (1875-1961), Lívio Abramo (1903-1992), Axl Leckoschek (1889-1978), Lasar Segall (1891-1957) e Carlos Oswald (1882-1971).

O grande estímulo à gravura artística no Brasil, foi a premiação dada a artistas gravadores na Bienal de São Paulo desde a sua primeira edição, com Oswaldo Goeldi, que recebeu o Prêmio Nacional em 1951, Lívio Abramo, em 1953, Marcelo Grassmann (1925-2013), em 1955, Fayga Ostrower (1920-2001), em 1957.

Uma das experiências mais bem sucedidas para a afirmação da gravura brasileira foi o Grupo de Bagé, formado na cidade de Bagé (RS), na década de 1940, por um grupo de artistas atuantes nessa cidade e em Porto Alegre. Sua atuação é reconhecida também como uma contribuição significativa para a gravura artística brasileira.

O Grupo foi formado inicialmente por Glauco Rodrigues (1929-2004), Glênio Bianchetti (1928-2014), Jacy Maraschin (1929-2009) e Ernesto Wayne (1929-1997) que, através do intelectual Pedro Wayne (1904-1952), entraram em contato com Carlos Scliar (1920-2001), Danúbio Gonçalves (1925) e José Morais (1921-2003). Ficaram mais conhecidos como membros do grupo, Scliar, Bianchetti, Gonçalves e Rodrigues. O nome nasceu após uma exposição realizada em Porto Alegre em 1948, na galeria do Correio do Povo, quando eles foram chamados de “os novos de Bagé” pela imprensa local.

O Grupo de Bagé exerceu uma influência direta na formação do Clube de Gravura de Porto Alegre, que se formou sob a liderança de Vasco Prado (1914-1998) e Carlos Scliar aglutinados a Francisco Stockinger (1919-2009), Danúbio Gonçalves, Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues e Trindade Leal (1927-2013). O Clube de Gravura de Porto Alegre acabou estimulando o surgimento de vários outros grupos semelhantes pelo Brasil.

Os artistas do Grupo de Bagé e do Clube de Gravura defendiam a popularização da arte através da abordagem de temas sociais e regionais com obras figurativas de imediata identificação com o universo dos trabalhadores das classes baixas, mais sofridos fisicamente pelos seus trabalhos sem condições mínimas de segurança, de salubridade e de periculosidade: retratavam também cenas do cotidiano dos trabalhadores dos pampas, das charqueadas e de mina de carvão. Tiveram como princípios estéticos, os do Realismo Socialista num estilo figurativo realista com certa influência expressionista. Optaram pela gravura, mais especificamente pela xilogravura e linóleogravura por serem os processos de

¹ Prof. Dr. Norberto Stori: Prof. Titular do programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Livre docente em Artes Visuais/IA-UNESP/SP. Mestre e Doutor pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Prof. Dra. Petra Sanchez Sanchez: Prof. Titular do programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutora em Ciências pela USP- Universidade de São Paulo. Líder do grupo de pesquisa CNPQ/Mackenzie “Interdisciplinaridade da Educação Ambiental”

divulgação mais democrática da arte, tanto pela sua reprodutibilidade como pelo preço acessível.

Os artistas do Grupo e do Clube de Gravura visavam uma arte voltada para o social, com uma finalidade focada no homem. Uma arte com função social e democrática, sempre pronta para denunciar as mazelas políticas e sociais, batendo direto no conceito da arte pela arte, visando uma arte dirigida ao ser humano. Quanto a isto, Danúbio Gonçalves afirma:

“Na época crescia o interesse pela temática regional, em especial na França e na Itália. Ao contrário do que ingenuamente pensam sobre os nossos clubes de gravura, não existia o radicalismo partidário, havia diferença de opiniões ideológicas, mas uma direção comum de objetivos artísticos” (GONÇALES, 2011, p.74).

Seliar, Bianchetti, Gonçalves e Rodrigues, através do Grupo de Bagé e do Clube de Gravura, produziram gravuras apresentando dupla importância; somaram o fazer artístico com a abordagem ideológica. Tanto o Grupo como o Clube serviram de estímulo para que surgissem vários clubes de gravura pelo país nos anos de 1950 e de 1960. A gravura foi e continua sendo uma das expressões artísticas de destaque no panorama das artes plásticas do Brasil e no exterior.

A seguir, destacam-se os artistas: Danúbio Gonçalves, Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues e Carlos Seliar, que fizeram parte do Grupo de Bagé e do Clube de Gravura.

DANÚBIO GONÇALVES (1925)

Nasceu em Bagé-RS, em 1925, tendo participado da formação do Grupo de Bagé e do Clube de Gravura de Porto Alegre, na década de 1940. Em 1953, o Clube de Gravura se consolidou, com o lançamento da série “Xarqueadas” (título do livro de Pedro Wayne), xilogravuras de madeira de topo de Danúbio Gonçalves, que foram consideradas o trabalho mais representativo de todo o evento e, com a série “Mineiros de Butiá”, de 1956, dá-se o início da consagração do artista como o maior gravador gaúcho e um dos mais importantes do país.

Nessas séries, o artista faz um registro histórico e social do seu tempo; são situações vividas e, por isso, são obras verdadeiramente expressivas e não meras ilustrações. Essas xilogravuras nos mostram as atividades do homem nas minas de carvão, e como operários, em suas atividades, eram obrigados nas lides diárias, a se sujeitar para garantir o próprio sustento e o dos seus familiares.

Para que Danúbio Gonçalves desenvolvesse as séries “Xarqueadas” e “Mineiros de Butiá” em xilogravura, precisou fazer uma grande quantidade de desenhos de homens trabalhando nos seus afazeres cotidianos, captando

gestos, expressões, relações entre fundo e figura, instrumentos de trabalhos, composições dos elementos em cena; assim, deu-nos belíssimos estudos a lápis em cadernos de anotações, nos seus verdadeiros diários do artista.

Danúbio desceu às minas de carvão de Butiá no Rio Grande do Sul, como Van Gogh (1853-1980) desceu aos subterrâneos das minas da lúgubre, miserável e triste região de Wasmes, na Bélgica. Danúbio gravou nessas xilogravuras a realidade profissional de homens trabalhadores em seu cotidiano sofrido e miserável, humilhados numa condição desumana para vivenciar a realidade sem luz, sem esperança, e, de vidas tênues a exemplo das chamas dos lampiões que os mineiros carregam com suas mãos. Na xilogravura de topo *A Morte do Mineiro*, de 1956 (Figura nº 1), um corpo estendido no centro da cena é o ator principal daquela realidade escura como o manto da morte. O corpo sem vida está estendido sobre uma carreta e é iluminado pelos lampiões dos seus colegas que estão ao seu redor presenciando e vivenciando o inesperado da difícil e desumana profissão. O buril silenciosamente abre luzes e contornos no morto e nos demais mineiros. O espaço preto transforma-se em luz, definindo graficamente as figuras silenciosas demonstrando desânimo, olhos assustados e cabeças baixas. Corpos em desalento, tudo muito sombrio. A incerteza de seus destinos e de suas vidas. O buril percorre a madeira transformando o trágico em expressão plástica e a morte em criação. Os buris rasgam as luzes necessárias para sugerirem as formas, os volumes e os contornos. O negro é forma e fundo. A descrição do ambiente, das figuras e das coisas apresentam-se aos nossos olhos com toda a intensidade, a densidade e a dramaticidade possível. A realidade crua é encarada de frente, prescindindo de qualquer preconceito estético.

Nessas séries, faz um registro histórico e social do seu tempo; são situações vivenciadas; são obras verdadeiramente expressivas e não meras ilustrações da realidade vivida pelo artista



Figura nº1

Danúbio Gonçalves (1925). *Morte do tocador de carro*. Xilogravura da série “Mineiros de Butiá”. 1956, 20x26cm.

GLÊNIO BIANCHETTI (1928-2014)

Nasceu em 15 de janeiro de 1928 em Bagé, no Rio Grande do Sul. Iniciou os estudos artísticos na sua cidade natal na década de 1940. Nove anos depois, ingressou no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, onde foi aluno de Iberê Camargo. Começou a ser conhecido apenas em 1951, quando participou da fundação do Clube de Gravura de Bagé. Na década de 1960, mudou-se para Brasília, a convite de Darcy Ribeiro, para auxiliar na fundação da Universidade de Brasília -UnB. Foi responsável pela estruturação do Ateliê de Arte e do Setor Gráfico da Universidade, onde lecionou desenho e pintura até 1965, quando foi afastado pelo regime militar. Retornou à UnB em 1988.

Sua produção na década de 1950 foi realizada principalmente através da xilogravura e da linoleogravura, onde apresentou cenas do campo e seus elementos, peças do cotidiano, operários em olarias e meninos brincando, geralmente em espaços abertos. A partir da década de 1960, o artista trabalhou principalmente com pintura, e no campo da gravura, com litografia e gravura em metal. Na xilogravura *Olaria II* (Figura nº 2), período do Clube de Gravura de Porto Alegre, Bianchetti apresenta um trabalhador de olaria na sua labuta diária a céu aberto no mesmo contexto do animal, ambos com a utilização das suas forças físicas, tração animal e humana. A xilogravura é resolvida com clima denso onde as goivas foram abrindo os brancos como luz tanto no homem, no animal, nos objetos de trabalho como nos elementos da paisagem, terra, céu e vegetação.



Figura nº 2

Glênio Bianchetti (1928-2014). *Olaria II*. Xilogravura. Período do Clube de Gravura.

GLAUCO RODRIGUES (1929-2004)

Iniciou-se na pintura em 1945, e expôs pela primeira vez em 1948, na mostra, *Os Novos de Bagé*, em Porto Alegre, período em que freqüentava a Escola de Belas-Artes. Logo depois, transferiu-se para o Rio de Janeiro, para estudar na Escola Nacional de Belas Artes. Voltando a Porto Alegre, participou da criação do Grupo de Bagé e do Clube de

Gravura, em 1950, juntamente com Carlos Scliar, Glênio Bianchetti, Danúbio Gonçalves, Vasco Prado e outros artistas. No início, trabalhou com temas regionais do seu estado, como o gaúcho na sua lida diária no campo, seus apetrechos e com imagens engajadas nas lutas políticas populares do período. No entanto foi a temática regional e, em seguida, a nacional que foi o fio condutor importante na obra gráfica e pictórica de Glauco Rodrigues.

Na xilogravura *Conferência Continental Americana pela Paz*, (Figura nº 3), do álbum “Gravuras Gaúchas”, de 1952, Glauco Rodrigues mostra a atitude política das pessoas, principalmente a mulher, como membro atuante na sociedade, em luta pela paz no mundo. Glauco praticou pouco a xilogravura, mas suas obras foram muito expressivas, tendo participado das atividades do Clube de 1953 até sua extinção em 1956..

Na maturidade, sua obra gráfica e pictórica foi reelaborada em um novo registro quanto à questão estética, política, cultural e da imagem do Brasil, bem como quanto às transformações econômicas, sociais e culturais marcadas pelas tensões do crescimento econômico e pela crise política da ditadura militar.



Figura nº 3

Glauco Rodrigues. (1929-2014). *Conferência Continental Americana pela Paz*. Linoleogravura. Do álbum “Gravuras Gaúchas”. 1952, 32,9 x 24 cm.

CARLOS SCLIAR (1920-2001)

Trabalhou em diversas áreas artísticas, como gravador, desenhista, pintor, ilustrador, cenógrafo, roteirista e designer gráfico.

Ativista social, engajou-se em vários movimentos, como o 1º Congresso da Juventude Democrática, na antiga Tchecoslováquia e em manifestações brasileiras, seja produzindo cartazes, seja ilustrando livros e revistas. Em 1940, mudou-se para São Paulo, onde juntou-se aos artistas do Grupo Santa Helena, passando a integrar

a *Família Artística Paulista*, que também era um movimento de contestação à arte acadêmica brasileira. No mesmo ano, tornou-se colaborador da "*Revista Cultura*" e realizou sua primeira mostra individual. Animado com o relativo sucesso obtido pela *Família Artística Paulista* em uma mostra realizada no Rio de Janeiro, Scliar inscreveu-se no Salão Nacional de Belas Artes, onde conquistou medalha de prata. Em 1943 foi convocado para a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e transferiu-se para o Rio de Janeiro. Em 1944 foi para a Itália com o 2º Escalão da FEB, comandado pelo general Cordeiro de Farias. Lá permaneceu quase um ano, voltando em julho de 1945. Ao retornar, trouxe consigo profundas recordações de sua passagem pelos campos de batalha. Observador atento desenhou casas e paisagens do norte da Itália, formando a série "*Com a FEB na Itália*", Nesse período, realizou mais de uma centena de desenhos a nanquim, nos quais não apresentam registros de guerra ou de heroísmo, mas paisagens desoladas e soldados em descanso. Também retratou a si mesmo e companheiros fardados. Esses desenhos foram expostos no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Viajou para Paris em 1947, onde participou intensamente dos movimentos na defesa pela paz entre os povos. Sua intenção era permanecer em Paris para sempre, porém percebeu que, a sua arte era brasileira; além do que era filho de imigrantes judeus, também participou no Brasil, contra o nazi-fascismo. Além de ter participado da Força Expedicionária Brasileira, percorreu a Itália, antiga Checoslováquia, Polônia, Portugal e outros países, com sua atenção voltada particularmente à gravura e às artes gráficas.

Scliar já se interessava pela gravura desde a sua convivência com artistas paulistas na década de 1940; começou, assim, sua produção gráfica sobre temas de operários, às quais se manteve até 1956 com um caráter expressionista. Na linoleogravura *Mineiro* (Figura nº 4), Scliar retrata um mineiro de mina de carvão, trabalhando a imagem no linóleo com cortes certos, abrindo os brancos de luz que ajuda na resolução formal do rosto, boné e parte da roupa, onde a camisa se transforma em branco, contrastando com o preto do casaco do mineiro.



Figura nº 4
Carlos Scliar. *Mineiro*. Linoleogravura. 1951

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Artistas apresentados contribuíram – e ainda hoje continuam a contribuir – para o reconhecimento e a inserção da gravura gaúcha como uma significativa expressão plástica nas artes visuais brasileiras e no mundo.

Fazem um registro histórico e social do seu tempo, por meio de suas obras verdadeiramente expressivas onde o realismo regionalista esteve sempre presente

REFERÊNCIAS

- COSTELLA, Antônio. Introdução à Gravura e História da Xilogravura. Campos de Jordão: Mantiqueira, 1984.
- DANÚBIO GONÇALVES. Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Ado Malagoli - MARSG. Porto Alegre, 2000.
- Danúbio. Catálogo de Exposição - Litografia. De 17/Setembro a 1º de Outubro/1992. Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.RS.
- Catálogo de Exposição Galeria Mosaico. Porto Alegre. RS. Janeiro de
- D'HORTA, Arnaldo Pedroso. Desenhos, Incisões, Xilogravuras. São Paulo: Centro Cultural, s/d.
- JORGE, Alice & GABRIEL, Maria. Técnicas da Gravura Artística - xilogravura, linóleo, calcografia, litografia. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
- IMPRESSÕES Panorama da Xilogravura Brasileira. Santander Cultural. Porto Alegre, 2004.
- LEITE, José Roberto Teixeira. A Gravura Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1966.
- MOSTRA da Gravura Brasileira. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo,
- PIETA, Marilene Burtet. Setembro/1996 in Grupo de Bagé no Clube de Gravura Década de 50. Catálogo Caixa Econômica Federal, Porto Alegre, 1977).
- RIVERA, Diego. Revista "Horizonte" – Porto Alegre- 1953, in catálogo Retrospectiva Xilogravuras. De 28 de Novembro a 11 de Dezembro de 1988.
- SCARINCI, Carlos. A gravura no Rio Grande do Sul – 1900-1980. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.
- Universo Gráfico de Glauco Rodrigues. Curadoria Antônio Cava. Caixa Cultural, 2011.